

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

Ariane Maria Lopes Santos

**Do quintal de mainha: A memória como estímulo criativo nos processos de contação de histórias de
uma jovem arte-educadora**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de artigo apresentado
ao Curso de Graduação em Teatro – Licenciatura – Escola de
Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, para
obtenção de título de Graduado(a) em Teatro. Orientador(a):
Marcos Antônio Alexandre

Belo Horizonte

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
[ESCOLA DE BELAS ARTES]
[DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS]

FOLHA DE APROVAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

ARIANE MARIA LOPES SANTOS

Título do trabalho: “DO QUINTAL DE MAINHA: A MEMÓRIA COMO ESTÍMULO CRIATIVO NOS PROCESSOS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS DE UMA JOVEM ARTE-EDUCADORA”.

Aprovado em 14/12/2022

Marcos Antonio Alexandre
Orientador – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Tatiana Henrique Silva
Membro – Faculdade Cesgranrio - Rio de Janeiro

Anair Patrícia Braga Moreira
Membro – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Autorizo a publicação deste trabalho em meios eletrônicos, incluindo a biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais.

Belo Horizonte
2022



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Antonio Alexandre, Professor do Magistério Superior**, em 15/12/2022, às 14:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anair Patrícia Braga Moreira, Usuário Externo**, em 16/12/2022, às 11:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tatiana Henrique Silva, Usuária Externa**, em 19/12/2022, às 22:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1957508** e o código CRC **A55A8FDD**.

Referência: Processo nº 23072.272644/2022-73 SEI nº 1957508

Do quintal de mainha: A memória como estímulo criativo nos processos de contação de histórias de uma jovem arte-educadora

Ariane Maria Lopes Santos (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG)¹

Marcos Antônio Alexandre (Universidade Federal de Minas Gerais)²

RESUMO

O seguinte artigo apresenta antes de tudo a minha relação com as histórias ouvidas desde pequena na minha casa, no quintal de mainha. Um percurso guiado pelo desejo em compreender o sentido de compartilhar histórias e quais histórias deveriam ser compartilhadas por mim, no teatro, na arte-educação, na contação de histórias, na vida. Esse artigo apresenta desdobramentos de práticas desenvolvidas na minha jovem formação em teatro fora da academia e dentro de projetos vinculados à UFMG. O projeto Literatura Afro-brasileira em foco, em que atua em parceria com o projeto Contos de Mitologia, ambos vinculados à faculdade de Letras da UFMG e o desenvolvimento do projeto A Minha Família Conta, idealizado por mim e por Nayara Leite, que tem como objetivo recontar histórias familiares. A partir da minha relação com as histórias trançadas desde pequena, com as práticas desenvolvidas dentro dos projetos e com o desejo de compartilhar histórias pela vida, tenho a memória como ponto de partida e de chegada nos meus processos na arte-educação. Para tanto, utilizei planos de aula, formulários de avaliação, desenvolvidos dentro das oficinas, fotos, artigos e recursos em vídeo. Ao final apresento uma sequência de seis exercícios vivenciados e modificados por mim, orientados por profissionais do campo da arte, a fim de trabalhar mais efetivamente com os disparadores de memória, aqui chamados de "Exercícios da memória".

PALAVRAS CHAVE

memória; contação de histórias; família; exercícios

ABSTRACT

The following article first of all presents my relationship with the stories heard since I was a little girl in my house, in my mother's backyard. A journey guided by the desire to understand the meaning of sharing stories

¹ Ariane Maria é estudante de graduação em Teatro pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Atriz, pesquisadora, contadora de histórias e capoeirista.

² Prof. titular da Faculdade de Letras da UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisador das performances afro-brasileiras.

and which stories should be shared by me, in theater, in art education, in storytelling, in life. This article presents the unfolding of practices developed in my young training in theater outside the academy and within projects linked to UFMG. The Literatura Afro-brasileira em Foco project, in which it operates in partnership with the Contos de Mitologia project, both linked to the Modern Languages College at UFMG, and the development of the project A Minha Família Conta, idealized by me and Nayara Leite, whose purpose is to retell family stories. From my relationship with the stories shaped since childhood, with the practices developed within the projects and with the desire to share stories for life, I have memory as a starting and ending point in my processes in art education. To do so, I used lesson plans, evaluation forms developed within the workshops, photos, articles and video resources. At the end, I present a sequence of six exercises experienced and modified by me, guided by professionals in the field of art, in order to work more effectively with memory triggers, here called "Memory exercises".

KEY WORDS

memory; storytelling; family; exercises

Que minha Nossa Senhora te abençoe e abra seus caminhos, Nem. (mainha)

INTRODUÇÃO - NA BEIRA DO FOGÃO À LENHA

Começo esta escrita pedindo às caras leitoras que entrem comigo em um ambiente específico: a casa da minha avó, Maria da Conceição. Iremos contar e ouvir essas palavras sentadas à beira do fogão a lenha, tudo bem? Vamos juntas? Partimos da zona rural de Teófilo Otoni, interior de Minas Gerais. Para chegar até a casa da minha avó, precisam subir um morrinho de pedra com alguns buracos (cuidado para não desequilibrar e cair). Continue a subida. Irão dar de frente com o fundo da casa, uma varanda grande e comprida, com um chão de cera que minha madrinha sempre passa aos sábados. Mas ainda não entramos aí, vamos seguindo. Para entrar de fato na casa, precisamos subir dois degraus e talvez desviar de alguns gatos e algumas galinhas. Minha avó está à nossa espera, feliz com a nossa chegada. Eu vou pedir a bença e espero que vocês também peçam (risos). Minha madrinha irá dizer para ficarem à vontade e entrarem para guardar as bolsas. Depois disso irão voltar ao início da casa e sentar na beira do fogão à lenha da minha avó. Nesse ambiente vão encontrar algumas carnes penduradas para secar e um cheiro de alho misturado com café. Todas acomodadas? Caso não estejam, eu espero. O tempo da lembrança é longo e precioso, talvez precisemos esperar mais alguns minutos, tomem o tempo de vocês. A minha avó preparou um café e a minha madrinha fez um bolo de fubá com erva-doce para vocês comerem. Minha avó continua em pé. Peço para ela se sentar e se juntar à grande roda ao redor do fogão a lenha. Ela não quer ficar sentada, mas escora num banquinho ao lado do fogão. Esqueci de dizer que já é noite e está frio, então aproveitem para esquentar a mão de vocês no fogo. Pronto. É hora de apurar os ouvidos, arregalar o corpo, sentir o frio da roça e viver a lembrança. Convido você a não desistir de lembrar. Lembrar do que se lembra e inventar o que não se lembra, de qualquer maneira, lembrar, é também esquecer.

Também inicio essa escrita a partir do afeto, afeto como o que me afeta e o que me mobiliza. Sou filha de Angelina Lopes de Sales e Rivelino Conceição dos Santos, neta de Maria da Conceição Lopes de Sales e João Luiz Lopes de Sales. Natural do nordeste mineiro, Teófilo Otoni, Vale do Mucuri. O chão dessa escrita é o meu percurso dentro e fora da universidade, tentarei escrever sobre esses momentos aqui, mas como eu disse é possível que eu me perca nas minhas próprias lembranças. Mas, se por acaso isso acontecer, vocês não saberão, somente o tempo é testemunha das minhas experiências (ou talvez nem ele seja). Isso tudo

começa na cadeira da minha casa e a minha mãe tecendo em mim as famosas trancinhas para manter toda a semana na creche e não pegar piolho. Desde lá, ela já me contava belas histórias, histórias da roça, da horta, dos pé de alface, jiló, do milho e do arroz. Contava sobre uma ponte que meu avô contava que tinha um arco para passar. Um arco que cobria a ponte toda. Eu imaginei um arco branco, com luzes e flores rosas e vocês? A minha mãe fazia esse exercício de lembrar, desde sempre, ela ria, dava gargalhadas, pegava alguma coisa para marcar o lugar da memória e era feliz, muito feliz. Quem conta, no momento que conta, é feliz, está comunicando a sensação da experiência vivida.



Foto da casa de minha avó
Acervo pessoal

Esse trabalho é sobre a lembrança que tenho dos momentos em que a minha mãe, minha madrinha, minha avó e avô, e outras pessoas da minha família, me contavam histórias. Essa escrita é sobre tudo isso que me mobiliza, aquece meu coração e me convida para o encontro. O encontro com a minha ancestralidade, com o público, com as temporalidades que percorrem as minhas narrativas. Eu tenho vários inícios, já aviso que irei começar várias vezes. Meu outro início foi em 2014, ano em que entrei para o Teatro na minha cidade e é nesse território que minha formação em teatro se inicia também. Minha primeira aula de Teatro foi em um instituto cultural chamado Instituto Cultural In-Cena, espaço em que são ministradas aulas de teatro, música e dança. De lá para cá, pude construir sonhos e inventar muitas outras realidades, não expostas para mim. Estar no In-Cena me fez acreditar em muitas coisas, inclusive, nos meus desejos mais distantes, me ajudou a ter vontade de ser muitas coisas. Foram quatro anos de teatro de grupo, até chegar aqui na universidade. Guardo e pratico inúmeras práticas que vivenciei nesse ambiente e uma delas é a proximidade com a história que fundamenta o meu território, com os cantos dos corais de lavadeiras, com as danças em épocas de festas, com os festivais espalhados pelo Vale do Jequitinhonha e Vale do Mucuri que pulsam e

pulsam arte, cultura e vida. Esse processo fez com que eu pudesse tornar determinados espaços, ambientes seguros para a minha permanência. Essa escrita é fruto de todo esse caminho formativo fora da universidade e também dentro da graduação em Teatro, como arte-educadora e contadora de histórias, nas ações do projeto de extensão “Literatura Afro-brasileira em Foco”, em parceria com o projeto “Contos de Mitologia”, ambos da faculdade de Letras da UFMG e com a idealização do projeto de contação de histórias “A Minha Família Conta”. Com as experiências do contato com esses dois projetos e com o caminho feito antes da entrada na universidade, desenvolvi o desejo pela pesquisa dos jogos teatrais nos processos de contação de histórias, em que a principal base para a criação, fossem as memórias. Sendo assim, esse trabalho é construído e fundamentado a partir de práticas vivenciadas dentro dos projetos mencionados, contando com oficinas e ações pedagógicas desenvolvidas anualmente. O objetivo desta pesquisa é refletir sobre como a memória pode ser uma potencialidade criativa para a contação de histórias, a partir da utilização de jogos teatrais, que mais a frente, vocês verão que esse termo, será modificado pelo o que estou chamando de “Exercícios da Memória”, vocês verão também uma pequena listagem com as modificações e os desdobramentos desses exercícios. Há um interesse nessa pesquisa em apresentar algumas dessas práticas para que outras pessoas atuantes em espaços de formação também possam se aproximar dessas possibilidades. Esse material foi retirado de oficinas ministradas dentro dos dois projetos ou em outros processos com os quais também tive experiências, por meio de planos de aula, diários de bordo e registros em vídeo. Farei uma análise interpretativa também a partir de artigos e livros que apresentem relações entre contação de histórias e memória, bem como, materiais em vídeos que dialogam sobre as relações entre memória, espaço, tempo e sobre as necessidades em construir narrativas, a partir de alguns processos de retomada.

PROJETO LITERATURA AFRO-BRASILEIRA EM FOCO

O projeto "Literatura Afro-brasileira em foco", é um projeto de extensão da Faculdade de Letras da UFMG (FALE), existente desde 2010 e vinculado ao NEIA - Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade, com coordenação do Prof. Dr. Marcos Antonio Alexandre. O projeto atua com as literaturas africanas e afro-brasileiras dentro das escolas públicas de Belo Horizonte e região metropolitana, com o objetivo de refletir sobre a condição da pessoa negra no Brasil e a importância das culturas negras na formação da sociedade. Há um trabalho em torno da Lei 10.639/03, modificada pela Lei 11.645/08 que torna obrigatório o ensino da cultura e história indígena, africana e afro-brasileira dentro das escolas. Essa intervenção é realizada através de práticas teatrais, vivenciadas por bolsistas do curso de Teatro da UFMG,

que atuam dentro do projeto.

Esse projeto está inserido atua em parceria com o projeto “Contos de Mitologia”, que integra o “Programa Letras e Textos em Ação” e que trabalha com as mitologias africanas, afro-brasileiras, indígenas e gregas, também dentro das escolas públicas de Belo Horizonte e região metropolitana. Além das contações de histórias realizadas nos dois projetos, também desenvolvemos oficinas de formação para professoras (es) e alunas (es/os) da rede pública, ações pedagógicas, artísticas e performáticas. O “Literatura Afro-brasileira em Foco” também tem como fonte de pesquisa toda a produção digital que integra o “**literafro** - Portal da Literatura Afro-brasileira”, existente desde dezembro de 2004 e disponível no enlace <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/>.

É extremamente importante o diálogo sobre esses projetos nesta escrita, porque são ambientes em que dou continuidade ao trabalho realizado no Instituto Cultural In-Cena, com a minha chegada na universidade. Vivenciei uma dessas oficinas de formação que o projeto oferece a comunidade acadêmica, lá em 2018 e foi a partir desse contato que eu me interessei pela pesquisa. É importante sinalizar também que tem sido um espaço em que nós estudantes exercitamos nosso fazer na arte-educação ou em outras áreas de nosso interesse, compartilhando nossas percepções e exercitando outras perspectivas metodológicas do ensino de teatro.

PROJETO “A MINHA FAMÍLIA CONTA”

Eu vim do corpo da minha mãe

Ela me deu semente boa

Nutre meu corpo

Se espalha em bênçãos

Sou plantadeira de semente boa

(Música: Isadora Canto)

O projeto “A Minha Família Conta” foi idealizado em 2020, no isolamento social, dentro do projeto “Literatura Afro-brasileira em Foco”. O projeto começa com a iniciativa de escrita de um artigo em que discutimos sobre a influência da mulher negra na contação de histórias, por meio de um edital da PRAE Pró-reitoria de Assuntos Estudantis, que tem o objetivo de orçamentar projetos de estudantes da UFMG. A partir dessa conquista fomos ampliando, dentro do projeto, outras possibilidades de intervenção com o público. Ainda em isolamento, o projeto recebeu convites para atuar em mostras, seminários, enviamos propostas para editais e tivemos ações financiadas, como a oficina de contação de histórias “Recontando Memórias”, pelo

edital idealizado pela EBA - Escola de Belas Artes da UFMG, também com o objetivo de apoiar financeiramente projetos de estudantes ou como a aprovação de uma apresentação de contações de histórias pela ALMG - Assembleia Comum de Minas Gerais.

Nessa narrativa, eu compreendo as potencialidades dos lugares em que estou inserida e vou expandindo outros espaços de segurança dentro da universidade. O projeto “A Minha Família Conta” é um desses espaços, como um projeto de contação de histórias que se dedica à escuta e ao reconto de histórias de nossas famílias, de pessoas mais velhas, da minha mãe, da minha madrinha, da minha avó. Esse projeto foi idealizado por mim e por Nayara Leite³, uma irmã que apertou a minha mão e decidimos juntas ouvir essas histórias seja lá onde for, pois nosso repertório vem do interior de Minas Gerais e também da região metropolitana de Belo Horizonte, de onde Nayara é natural.

Apesar de ser um projeto de contação de histórias, também desenvolvemos outras ações, com o objetivo de estimular em outras pessoas o desejo pela escuta e pelo reconto de histórias que formam seus corpos. Outro objetivo e sonho com esse projeto é arquivar essas histórias de alguma maneira, para que se multipliquem e cheguem ao máximo de gerações possíveis. Nesse processo tivemos dificuldade em colher imagens, por exemplo, de pessoas mais antigas de nossas famílias, até dificuldade em saber o nome dessas pessoas, sabemos o quão difícil é para famílias negras, inseridas em determinados contextos, ter imagens de gerações passadas e o quanto seria importante pra gente, ver o rosto dessas pessoas. Nossos primeiros registros dessas histórias foram realizados por meio de áudios. Enviei mensagens para minha madrinha na roça e pedi para que ela enviasse músicas, histórias e fotos pela internet. No contexto de pandemia, esse processo foi bem desafiador, tendo em vista, que essa comunicação inicial, em sua maioria, se deu através de redes sociais.

Desde a criação do projeto, minha relação com o contar das histórias alterou profundamente. No meio de todo esse movimento, temos um processo de constante atualização dessas histórias vivenciadas por nossas famílias, no momento do reconto pelas nossas mães e logo depois, pelos nossos corpos, a história ganha outras particularidades. Alimentada pelas palavras de Conceição Evaristo nos dizendo sobre os becos de sua memória, “busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha” (EVARISTO, 2017, pág. 11), a relação que nós, filhas, temos é de um corpo que não presenciou esses acontecimentos. Como narrar uma história extremamente importante para essas pessoas, que não foi vivenciada pelo corpo de quem narra? Comecei a me dar conta de que esse trabalho, tem total relação com as propostas desenvolvidas dentro dos projetos de

³ Graduanda em Teatro pela UFMG. Atriz, contadora de histórias, dramaturga e educadora. Idealizadora do projeto de contação de histórias A minha família conta.

extensão em que eu atuo, o trabalho com as mitologias. Portanto, como narrar um mito, de maneira responsável com a história, com os corpos, com os territórios? Qual processo será feito antes de narrar essas histórias? Se é preciso contar outras histórias antes de narrar mitos africanos, indígenas ou gregos, quais histórias seriam essas? O que precisa ser entendido antes do ato de narrar? Essas perguntas não serão respondidas aqui, mas fazem sentido para mim nesse momento da escrita e apesar dessa liberdade em não respondê-las, há, nessas perguntas, possíveis reflexões que podem ser úteis para pessoas que trabalham com a contação de histórias.

Plantadeiras de semente boa - Mini-álbum de família



Foto de Dona Joana e suas duas filhas, Nayara e Regina
Acervo pessoal de Nayara Leite

Breves palavras para Dona Joana,

Dona Joana, eu te agradeço por contar e nos deixar recontar seus afetos, suas histórias de muito antes, eu te agradeço por nos dizer repetidamente que está faltando pedaços na sua narrativa, eu te agradeço por sentar e também ouvir atentamente nossas histórias, eu te agradeço por segurar na mão de suas duas filhas, Nayara e Regina.

Dona Joana

Joana Fernandes Vieira, mãe de Nayara Leite, é mãe de duas filhas. Nasceu em Catequese, no interior de Minas, em 1958. Filha de dona Tercília Chaves de Oliveira Martins e Joaquim Fernandes Martins, de uma

família de 18 filhos, sendo hoje 10, cinco homens e cinco mulheres. Joana conta que a tradição da oralidade em sua família descende de seu pai, que se sentava à frente da fogueira e contava histórias pela noite afora, em sua memória ela diz que ele sempre recebia convites para contar histórias.

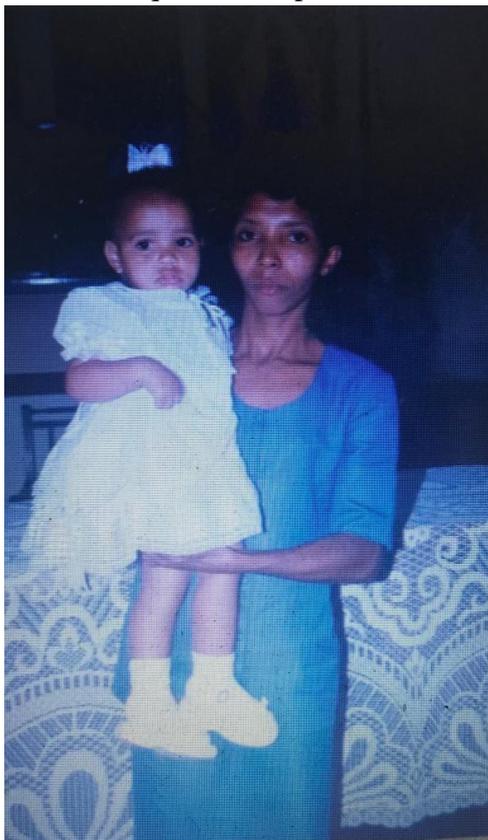


Foto de Angelina com Ariane no colo
Acervo pessoal de Ariane Maria

Breves palavras para Angelina,

Mainha, eu sou grata por ser sua filha, por ser uma das pessoas que tem ouvido suas belas histórias há 23 anos. Eu sou grata por me dar a bênção todos os dias e por dizer que Nossa Senhora Aparecida e meu anjo da guarda sempre estarão comigo abrindo meus caminhos. Eu sou grata por também sentar e ouvir atentamente as nossas histórias.

Angelina, Fia, Gela, Gelina, Mainha

Angelina Lopes de Sales, nasceu em Planista, município de Pedro Verciano, localizado no Vale do Mucuri, mas passou sua infância na zona rural de Teófilo Otoni, na Comunidade de Córrego dos Índios e aos 16 anos, se mudou para a cidade em busca de trabalho. É filha de Maria da Conceição Lopes de Sales e João Luiz Lopes de Sales, uma família de 09 irmãs e irmãos. As memórias desse corpo, fundamentam esse trabalho, dando vida às histórias antigas que viveu ou que sua mãe e seu pai lhe contaram. Uma mulher

recheada de causos e que transporta em seu olhar o brilho e o alento da saudade de alguns tempos outros.



Foto da apresentação na Segunda Pretinha

Foto: Daniel Pitanga

Essa sou eu e sou grata por assim como nossas mães, fecundar belas histórias. Por ser “plantadeira de semente boa”.

DAQUI PRA LI, DE LÁ PRA CÁ - CADA TEMPO É UM

Desde as primeiras experiências com trabalhos artísticos acreditei na memória como um pulso criativo, em que dela se manifestava tudo o que nos constitui, de maneira consciente ou não, a memória está ali. Mais tarde, trabalhando em alguns espaços e vivenciando mais intensamente a arte-educação, tive a certeza dessa possibilidade. Analisando os exercícios em ação, comecei a observar a forma de como as lembranças eram contadas. Havia uma espécie de frescor, nostalgia e um entusiasmo evidente em transmitir determinadas informações. As pessoas faziam o exercício de fato, de lembrar, existia uma força interna, uma vontade, um desejo em comunicar algo que ninguém nunca experienciou. Nos momentos de alegria e também nos momentos de tristeza, esses movimentos estavam presentes. Comecei a me perguntar como esse frescor e essa nostalgia de uma memória contada nas oficinas dos projetos, poderiam auxiliar na absorção de outras histórias, mitológicas ou não. Fiquei observando as inúmeras dificuldades em narrar uma história quando se tem a história em texto nas mãos. E mais uma vez compreendi que no tempo da lembrança, havia possibilidades de intervenção. Entoar as forças internas para esse processo se tornou o principal caminho, é necessário um tempo de retomada, para além de contar histórias, compreender quem e o quê somos. Sinalizo que não há o objetivo aqui em conceituar a memória ou algo parecido. Essa palavra carrega uma imensidão de pontos de vista e algumas contradições, seria um longo caminho me dedicar a essa função. Proponho expor alguns breves olhares sobre as diferentes dimensões que a memória se insere no fluxo do nosso corpo. São noções que dialogam diretamente com o trabalho realizado.

A primeira noção é a que se entende nesse processo a memória, como todas as dimensões corporais, guardando e armazenando nossas experiências e cuidando para que elas possam se recriar a cada nova experiência do viver e do contar. Martins abre os caminhos nesse momento e nos orienta reafirmando que a memória é presentificada, por meio de diferentes formas de inscrição no corpo:

[...] os locais de memória não se restringem na própria genealogia do termo, à sua face de inscrição alfabética, à escrita. O termo nos remete a muitas outras formas e procedimentos de inscrição e grafias, dentre elas a que o corpo, como portal de alteridades, dionisicamente nos remete. (MARTINS, s.d., p. 64)⁴

Dessa forma, trabalhar com a memória nessa perspectiva é também abrir variadas possibilidades de entendimento, instalando um desejo pela criação e imaginação. É possível criar com o autobiográfico e também, agregando a essa lógica, utilizarmos da memória como um dispositivo de emancipação e autonomia. Apoiando nas palavras de Ramos, que trabalha o entendimento do corpo enquanto casa, que conhecendo sua globalidade, consegue dançar com todas as possibilidades que tem e quer ou da mesma forma com Sánchez, que também reafirma como esse processo pode ser útil para nossas travessias pessoais ou profissionais:

Esse processo deve servir também à construção ao fortalecimento de identidades, com preocupações que incluem a ética, visto que, tenhamos consciência ou não, as ações nesse campo, além de nos constituírem como artistas, constituem-se como indivíduos participantes da sociedade que estamos inseridos. (SÁNCHEZ, 2010, p. XV)

Busca-se uma compreensão de um corpo que entendendo a sua própria história e o que o constitui, talvez, possa modificar algo nos diferentes espaços que ocupa. Um corpo que conhece suas histórias e as histórias que fundamentam seus territórios, carrega talvez maiores chances de se manter atento a algumas armadilhas que vierem a ameaçá-lo. A segunda noção é a de considerar a memória como um ser viajante, que percorrendo tempos outros, dos mais antigos, até os mais novos, produz o que lembramos e o que não lembramos, produz diferentes esquecimentos. Existem coisas que vivemos e que sequer lembramos, mas está ali. Nossos sentidos nos dizem sobre determinados lugares e pessoas, sentimos atração ou repulsão e em momentos distintos não conseguimos formular uma explicação consciente para tal situação. Nossas experiências ficam inscritas, nos constituindo todo o tempo, mas o que não significa que estarão acessíveis e conscientes, no ato da presença ou futuramente pode ser ou não reinventado, recriado ou rememorado.

⁴ Vide: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>

Nessas possibilidades do inconsciente, junto ao esquecimento é importante compreender que existe uma distinção entre o vivido e a narração do vivido. A maneira que o corpo se entende no momento presente, desde o acordar, ao momento de repouso ou ao tempo que faz lá fora ou até mesmo ao humor naquele dia, irá influenciar na narrativa de um fato que já aconteceu. As características dessa narrativa estarão de acordo com os sentimentos adquiridos no momento da lembrança e não somente da circunstância ocorrida. São perspectivas que vão ao encontro das experiências vividas nos diferentes espaços, pelos diferentes corpos, atuantes em uma coletividade e principalmente no caráter individual e na constituição daquele corpo no mundo. Nossas experiências poderão ser revisitadas e revividas em todo o curso de nossas vidas, porém, essa fidelidade ao passado considera nossos hábitos e preferências:

Estamos a considerar que a coisa lembrada traz consigo uma marca temporal de quando foi vivida e outra de quando foi recordada, além disso, o ato de lembrar, como nova experiência, tem a ele imbricado a anterioridade do que foi vivido. Isto significa que podemos estar num lugar e nossa memória deslizar no tempo para que possamos narrar o que foi vivido em outro lugar, mas como se ele estivesse diante de nós e no presente. Da mesma forma, os lugares no instante da experiência são vividos de uma forma e no rememorar são vividos de forma distinta. (DIAS, 2018, p. 165)

Nesse universo do lembrar e do não lembrar, o contar dessas narrativas vai se constituindo, a partir de uma pluralidade de pontos de vista sobre o mundo e sobre as distintas maneiras de experienciá-lo. Essa perspectiva para a contação de histórias é essencialmente vivenciada. Existem histórias transmitidas de forma oral ou até mesmo escrita, passadas de geração em geração, que carregam um mesmo sentido, com características que poderiam ser reconhecidas como a mesma história (e muitas são), mas algo dessas características são modificadas, pelas experiências temporais adquiridas ao longo daquela narrativa. Podemos contar uma história para pessoas que moram ou que nasceram em lugares distantes do nosso e ao final da história o público poderá dizer que já a ouviu, porém, com um final diferente ou com uma canção diferente, por exemplo. Essas múltiplas narrativas sobre uma mesma história, precisam ser levadas em conta, nesse infinito processo de atualização. Todavia, não podemos nos esquecer do que o nosso tempo tem produzido sobre algumas memórias. A memória nesse entendimento também como lugar de disputa, de conflitos, de informações que são modificadas para que o nosso corpo possa assim esquecer de determinadas coisas. Nosso tempo produz infinitas ausências de narrativas, de pontos de vistas e conseqüentemente, ausências de corpos que constituem esse tempo, corpos de pessoas indígenas, negras, quilombolas, trans, entre outras identidades.

Na produção de experiências criativas, a memória assume múltiplos desdobramentos, desde o despertar para a criação, exercitando a imaginação, até assumir camadas mais profundas de um entendimento sobre a vida. A memória auxilia na construção de uma metodologia com o objetivo também de preservar narrativas, compreendendo seus movimentos pelo tempo e espaço.

Talvez, nesse instante precisemos de um tempo de pausa, para lembrar que estamos esquentando nossas mãos no fogão à lenha da minha avó, na zona rural de Teófilo Otoni. Convido a ficarem um tempo no silêncio da leitura. Só um momento, depois retornamos. Tomem o tempo de vocês e fiquem aí o quanto precisarem. Apanho o tempo como estratégia, como o que equilibra, traz, leva e reinventa nossas experiências.

NAS VOLTAS QUE O MUNDO DEU, NAS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ

As histórias dão suas voltas e sempre pousam de maneiras diferentes em cada lugar e em cada tempo, vão se alimentando do conhecimento adquirido em cada ambiente que transita, assim como as memórias, são seres navegantes. Ouvimos histórias desde muito cedo, o tempo todo, do corpo de muita gente. O corpo que cria, inventa, imagina e abre espaço para o sonho. Contar histórias é sonhar com uma possibilidade de futuro, é enxergar o passado, sabendo que suas narrativas podem ser modificadas, a partir das experiências daquele corpo que conta, tudo está em movimento e numa constante transformação, até mesmo o passado. Possuem a capacidade de criar em nós ambientes de liberdade, um possível processo de retomada das nossas identidades, como um olho no passado e o corpo projetado para o futuro, é Sankofa⁵.

Contar histórias é um dos atos de afetos mais grandiosos que vivencio, é transformador, extraordinário, pulsante. Tudo, o tempo todo, conta histórias, desde o acordar até o repouso, só precisamos aprender como os elementos diariamente nos contam. Em algum momento é necessário que o silêncio habite nossos corpos, percebendo o que a natureza, as plantas, as folhas, o mar, o rio têm a nos dizer sobre o tempo de cada narrativa, construímos a história junto com esses elementos:

[...] sendo a fala a exteriorização das vibrações das forças, toda manifestação de uma só força, seja qual for a forma que assuma, deve ser considerada como sua fala. É por isso que no universo tudo fala: tudo é fala que ganhou corpo e forma. (BÂ, 2010, p. 172)

⁵ Símbolo Adinkra que representa provérbios africanos dos povos Akan, da África Central e também dos povos Gyaman, da Costa do Marfim. Na figura de um pássaro, com seu corpo direcionado para frente e somente sua cabeça olhando para trás, reflete sobre a importância da aprendizagem com o passado para o agir no futuro.

As histórias em sua grande maioria datam um tempo, espaço, uma civilização, um começo de algo e um meio, jamais um fim. A história nunca termina, quando acreditamos que terminou, ela continua ali, reverberando no coração de quem a sentiu (sente) durante algum período. Depois ela recomeça em um outro corpo, que, junto, insere na narrativa um pouco de si, de suas perspectivas, datando também o tempo, o espaço, a civilização, o começo e o meio e novamente jamais o fim. São muitos os movimentos que se estabelecem quando se conta uma história. Tenho pensado nos processos internos que acontecem com o meu corpo e nos processos que acontecem com tudo ao redor que senti atentamente minhas palavras. É muita informação pulsante, um corpo mandingueiro, que balança, daqui pra ali, de lá pra cá e dança com tudo que tem, com tudo que sabe sobre si, e também com o que acredita que ainda não se sabe, mas está ali. A magia acontece e só acontece porque se estabelece um encontro entre outros seres pulsantes e nesse momento, a história, que antes somente eu sabia, passa a ser ecoada em todos os cantos. Vão se construindo imaginários, força criativa, experiências da perspectiva de quem conta e de quem escuta. As pessoas quando sentem, participam, questionam, lembram, as memórias bailam sobre nossas narrativas e constroem experiências coletivas no momento da ação. A narrativa nos aproxima enquanto seres humanos, se constrói também no tempo e no espaço de outras pessoas:

Todavia, apesar do olhar interior indicar um movimento individual, para nos lembrarmos precisamos dos outros e de suas experiências. Construimos nossas narrativas também pela narrativa dos outros. Sendo assim, a narrativa nos permite este encontro com o outro, com diferentes temporalidades e a presentificação de lugares de outrora.” (DIAS, 2018, p. 167)

A construção dessas narrativas coletivas e individuais e das nossas subjetividades acontecem logo na infância, as histórias sobre nossas vidas, nossas comunidades, são nos apresentadas desde o início da nossa existência, através não somente de relatos orais de nossos familiares, mas de vários canais de informação. O universo do audiovisual, desde muito tempo tem uma notória capacidade de formular histórias e categorizá-las e tem produzido em nós o que lhe interessa, ou seja, nossas identidades são constituídas a partir do interesse que o outro, desconhecido sobre nossos desejos formula sobre nós. Nessa perspectiva esses interesses produzem grandes ausências e grandes lacunas na nossa história, portanto, as histórias são importantes também para recolocar ausências, que sistematicamente são manipuladas como inexistentes, provocadas por quem tem produzido o que chamam de narrativa oficial. Sendo assim, estimulada pelas sábias palavras de Tatiana Henrique, é possível refletir sobre qual dessas histórias que nos contam, nós escolhemos contar. E se não nos contam todas as histórias, devemos nos aprofundar em outros ambientes para sabermos de outras histórias. Dando inúmeras voltas ao mundo, conecto-me com as minhas próprias histórias, para entender as histórias que eu quero contar.

Nesses poucos anos como aprendiz, em espaços de formação, dando oficinas para públicos diferentes, fui percebendo as camadas de aprendizagem que a contação de histórias pode se inserir, na produção de conhecimento e de lugares que possivelmente ainda não acessamos. É necessário preparar um solo confortável para o contar. Foi perceptível para mim, observar como principalmente crianças chegavam com uma vontade de contar algo que aconteceu com elas. Algo do dia a dia, do momento de um sonho a noite, coisas de que gostam de fazer; nesse sentido, acredito que sentar e ouvir esses frescos relatos, me fez semear um espaço em que elas conseguissem sentir confortáveis para narrar também outras histórias.

É preciso a realização de algumas ações de retomada, para que alguns processos de aprendizagem consigam estimular o desejo pelo compartilhamento. E é nesse sentido que tenho compartilhado nos espaços em que transito, algumas práticas, a partir do que será chamado aqui de **Exercícios da Memória**. Necessito, a todo momento, exercitar a minha memória.

APRESENTANDO OS EXERCÍCIOS DA MEMÓRIA

Podemos vasculhar nossa memória à procura de algo, mas também podemos nos deparar com disparadores de lembranças, como objetos, narrativas e lugares que permitem que algo, aparentemente, esquecido venha à consciência. Ao ouvirmos “não me lembrava que lembrava disso”, alguma lembrança emergiu quando a pessoa olhou para determinado objeto, ouviu um som, participou de algum relato, saboreou algum alimento, tocou algum objeto ou tantas outras formas de entramos em contato com lembranças que não procuramos, mas nos deparamos através de algo que a dispara no fluxo da memória. (DIAS, 2018, p.171)

Nesse processo como contadora de histórias e arte-educadora, investigando práticas a partir das memórias, nas ações dos projetos mencionados e em outras ações individuais, foi preciso vasculhar esses possíveis disparadores de memória. Com o objetivo de investigar possibilidades de estímulo a lembranças das (es/os) participantes, selecionei um repertório de exercícios já vivenciados. Apesar de todos esses exercícios serem modificados por mim, os mesmos me foram apresentados por outras pessoas, artistas, arte-educadoras (es). Essas pessoas são referenciadas logo a frente de cada exercício.

Quintal (presencial) - Vivenciado sob a orientação de Cris Rocha (SP)

Descrição: A sala é ambientada com óleo essencial de erva-cidreira (ou outro cheiro de preferência da (e/o) ministrante e as cadeiras ficam dispostas em roda. É pedido que as participantes se sentem ali, em roda e em seguida que se lembrem de uma história que viveu em algum quintal. É importante sinalizar que a ideia de quintal nesse exercício, poderá se estender respeitando a história de cada pessoa. É considerado quintal

também os lugares que sejam um ambiente afetoso para quem conta, um lugar de acolhimento, um lugar de descanso. Nem todas as pessoas tiveram a possibilidade de viver em quintal ou terreiro. É de extrema importância para essa lembrança, que as narrativas sejam atravessadas pelo cheiro da erva-cidreira. Terão um tempo para se lembrar de cada detalhe desse possível dia, a cor da roupa, o calçado, se chovia ou se fazia sol, entre outros detalhes que poderão ser mencionados pela ministrante.

Varição possível - Vivenciada sob a orientação de Débora Araújo: Contar essa história de quintal em forma de versos, rimados ou não. É importante que a ministrante já tenha uma base da canção, como um refrão que será cantado todas as vezes que alguém jogar seu verso. Explicar o exercício e dar um tempo mínimo para constituírem a canção, podendo ser de 15 a 20 minutos. Logo depois, em roda, a ministrante ensina o verso trazido por ela (o refrão) e cada participante apresenta sua construção em um momento. Exemplo do refrão trabalhado:

Oh tem oh se tem

Tem quintal

Tem criança na mangueira

Oh tem oh se tem

Tem feijão e tem farofa de macaxeira

Exemplo de composição entre a repetição do refrão:

Oh nessa casa tem pé de limão

Tem hortelã e cidreira pra fazer chá bom

Oh nessa casa tem pé de almeirão

Têm senhora mãe zangada com malcriação

Objetivo: Estimular através de dois disparadores (quintal e o cheiro) a organizar em palavras uma experiência vivida.

Público alvo: Pessoas interessadas na prática de contação de histórias, professoras (es), arte-educadoras (es), etc.

Contém modificações.

Sonho (online) - Vivenciado sob a orientação de Cris Rocha (SP)

Descrição: É importante que as participantes tenham acesso à câmera do aparelho que estejam usando. É pedido que inicialmente fechem todas as câmeras. Será feita algumas perguntas e à medida que forem se

identificando, as câmeras precisam ser abertas e logo em seguida fechadas, para a espera da próxima pergunta. Exemplo para perguntas: Quem aqui tomou café da manhã hoje? Quem olhou no relógio hoje? Quem é de Minas Gerais (ou de outra cidade)? Quem é de Belo Horizonte? Quem gosta de morango? Quem consegue mexer somente uma orelha? Quem aqui sonhou hoje? Quem sonhou e se sente à vontade para contar o sonho? O exercício precisa se encerrar com essas duas últimas perguntas sobre o sonho, logo depois, quem se habilita, começa a narrar seu sonho para a turma. Costumo ministrar esse exercício logo no contato inicial com uma nova turma. É preciso se atentar à conexão de internet que o grupo possui.

Objetivo: Estimular o desejo pela lembrança e narração do sonho, que é de extrema importância na assimilação das nossas experiências.

Público alvo: Pessoas interessadas na prática de contação de histórias, professoras, arte-educadores, etc.

Contém modificações.

Plantas (presencial) - Vivenciado sob a orientação de Nayara Leite (MG)

Descrição: As participantes dispostas em roda, observam fotos de plantas diversas colocadas no chão. Algumas fotos se repetem e depois de um certo momento, é pedido para que cada participante escolha uma foto e se juntem em grupo com aquelas que escolheram a mesma planta. Será dado de 15 a 20 minutos para dialogarem sobre a planta escolhida e construir uma história coletiva, a partir das informações que possuem sobre.

Varição possível (online) - É pedido que cada participante procure em casa (no momento) alguma planta. Quem não possuir poderá inventar uma planta que gostaria muito de ter. Logo depois será pedido que cada participante construa uma pequena história sobre aquela planta.

Objetivos: Estimular possíveis lembranças de feitura de chás, processos da terra, do plantar, do colher; explorar a capacidade de ouvir e organizar informações diversas na construção de uma narrativa.

Público alvo: Pessoas interessadas na prática de contação de histórias, professoras, arte-educadores, etc.

Contém modificações.

Gesto da ancestralidade (presencial) - Vivenciado sob a orientação de Luciane Ramos (SP)

Descrição: É pedido que as participantes se espalhem pela sala e pensem em um gesto presente em seu dia a dia, um gesto feito por elas repetidamente ao longo da vida ou um gesto que esteja presente também em outras pessoas da família. Pode ser uma maneira de andar, um movimento com as mãos, com o rosto, uma maneira

de sorrir (exemplos que poderão ser ditos no momento da prática). Logo depois, ao som de uma música (costumo usar músicas tradicionais ou sons de instrumentos musicais, como o berimbau, agogô etc.) é pedido que se repitam esse gesto percebendo a presença da música, como numa dança. A pessoa ministrante poderá pedir que o gesto seja lento ou rápido, em uma variação de 1 a 10 (por exemplo). Ao final, todos esses movimentos se apresentaram como uma grande dança coletiva.

Objetivos: Estimular uma possível percepção de gestos adquiridos de outras gerações da família ou de espaços que transitamos; explorar a capacidade de se organizarem coletivamente.

Público alvo: Pessoas interessadas na prática de contação de histórias, professoras, arte-educadores, etc.

Contém modificações.

Objetos (presencial)

Descrição: É pedido que as participantes tragam de casa um objeto que tenha um sentido afetivo, pode ser algo antigo, algo mais novo. Em roda, uma participante começa contando a história daquele objeto e ao sinal da ministrante, a pessoa seguinte continuará a história, a partir da narrativa do próprio objeto. Quando a criação da história passar por toda a roda, é pedido que troquem de objeto entre si (ou troquem de lugar deixando somente os objetos) e recomecem uma outra história compartilhada. Costumo ministrar esse exercício quando são dois ou mais dias de encontro.

Objetivo: Explorar a capacidade de compartilharem a narrativa de uma história, adicionando também suas próprias experiências.

Público alvo: Pessoas interessadas na prática de contação de histórias, professoras, arte-educadores, etc.

Contém modificações.

Segredo (presencial) - Vivenciado sob a orientação de Julio Viana (MG)

Descrição: Transitando pela sala as participantes deverão, ao ouvir o sinal, se posicionar de frente para as outras (dupla) e no ouvido contar um grande segredo, algo surpreendente. Esse segredo poderá ser algo vivenciado pela participante ou não, mas precisa convencer quem escuta. Se a participante contar sobre uma perda, um término de um relacionamento, por exemplo, mesmo sem ter vivido, precisa ser o mais convincente possível, quem escuta precisa realmente crer nessa perda, assim como se for algo feliz e desejado, quem escuta precisa crer nessa felicidade. Quem conta esse segredo precisa ser o mais honesto possível com a narrativa contada. Logo depois, as duplas se abraçam e ao som do sinal continuam a andar

pela sala e assim recomeçam com outra pessoa.

Objetivo: Refletir sobre a relação que se estabelece com as histórias que contamos e como ocorre essa comunicação com o público.

Público alvo: Pessoas interessadas na prática de contação de histórias, professoras(es), arte-educadoras, etc.

Contém modificações.

BREVES RELATOS DAS PESSOAS PARTICIPANTES

Disponibilizo abaixo breves relatos sobre a oficina “Recontando Memórias”, proposta pelo projeto “A minha família conta”, ministrada no ano de 2021. Esses relatos foram colhidos através de um formulário de avaliação, disponibilizado ao final da oficina. Foi orientado que compartilhassem reflexões, sugestões e sentimentos a partir do que foi vivenciado.

Relato - Ana Paula Marques

“Os relatos diversos sobre lembranças do território "quintal", bem como as lembranças familiares; músicas que foram compartilhadas rememorando ou mesmo relacionadas a inferência subjetiva da escolha e também a relação do movimento do corpo com elementos da natureza. Na realidade eu apreciei mais ouvir e atentar experiências; cantei um trequinho da música: Peço a Deus que gosto e me traz esperança; não sei se é de Martinalia ou Diogo Nogueira, mas é uma canção que na minha subjetividade suscita ESPERANÇA, crença e valores; algo que promoveu a oficina.”

Relato - Iasmim Alice

“Gostaria de compartilhar uma ideia, a partir da proposta de pensar no quintal, fiquei pensando nessa relação e como pode ser de fato escrever uma carta para o seu quintal, acessar memórias, vê-lo de outra forma (até meio humano), exercitar a escrita poética, intuitiva e contar histórias. Enfim, fiquei pensando o quanto pode reverberar e crescer essa ação/proposta de pensar sobre nosso/ e quintais outros afetivos e as memórias e linguagens que podem surgir.”

Relato - Mayura Antunes de Matos

“O que mais me chamou atenção foi a fluidez com que foi conduzida a oficina, logo se criou um espaço seguro e respeitoso, onde podíamos ser nós mesmos e isso é muito potente! O que ficou guardado na memória foi a possibilidade de registrar movimentos e a cosmo sensação não só com movimentos e sim com poesia, música,

palavra...e isso, poder experimentar o que me vinha naquele momento fisicamente no desenho foi demais!
Fica para recontar o dia que participei de uma oficina de contação, que fiz uma homenagem a uma árvore chorão e no final do mesmo dia nos encontramos eu e o chorão.”

Relato - Rosenilde Oliveira Pereira

“Foi uma experiência de muitas emoções e lembranças. Fica muito esse sentimento de que nossas memórias nos conectam.”

Relato - Wilma Sueli dos Santos

“O que mais me marcou profundamente foi acessar a energia dos 3 elementos: água, árvore e serpente. Meu desejo é poder participar efetivamente de grupos que tenham o viés apresentado nesta oficina. Busco fazer o caminho do dentro, desejando o fortalecimento do fora.”

CONSIDERAÇÕES EM MOVIMENTO - AINDA SENTADAS (ES/OS) NA BEIRA DO FOGÃO A LENHA

Recordar, meu bem recorda, recordar pelo que tem

O que tem não é dinheiro para quem recorda bem

Adeus, adeus, meu anjo, é de coração

Me dê um abraço, meu anjo e um aperto de mão (verso tradicional cantado por Angelina Lopes)

Chegamos novamente ao início. Recomeçamos. Dentro e fora, na criança Ariane, nas trancinhas para ir a creche, na roça, no fogão a lenha. Hoje a minha avó não cozinha mais nesse fogão por questões de saúde, mas ele ainda está em sua casa e é o guardião de muitas memórias e de muitas histórias. Espero que até aqui vocês não tenham desistido de lembrar, lembrar daquilo que é possível ser lembrado, o que não for nesse momento, terá seu tempo. Além desse trabalho ser fruto das lembranças que tenho quando a minha mãe, minha madrinha, minha avó e avô e outras pessoas da minha família me contavam histórias, é fruto dos sonhos que se hospedavam e se hospedam bem do outro lado do meu medo, saúdo essa referência, na voz de Viola Davis. Confesso que chegar até essa página, foi desafiador, sobretudo pela dificuldade em organizar as idéias, mesmo possuindo todas as informações que eu gostaria de manter escrita.

Os chamados **Exercícios da Memória** foram se estruturando a cada caminhar desse processo, acredito que a partir desses exercícios irão surgir muitos outros com características parecidas ou completamente

diferentes, muitas outras possibilidades de intervenção, serão modificados também a partir das relações entre cada pessoa ministrante. Observando esse percurso, estabelecendo espaços para continuidades, reconheço mais fortemente que a memória é uma potencialidade criativa que pode alcançar muitas dimensões de aprendizagem, quando conectadas com a contação de histórias. Encontrar essas possíveis potencialidades nesse momento de uma formação ainda muito jovem, me nutre de sensações que também não cabem nessas vinte e seis páginas.

A minha experiência dentro e fora do ambiente acadêmico, às pessoas e projetos que eu estive foram espaços em que eu pude investigar minhas práticas e foram fundamentais para pensar esse processo que não será finalizado aqui, existem ainda muitas camadas de memória a serem conhecidas e encontradas, assim como muitas maneiras de trabalhar a partir dessas perspectivas. Aqui se estabelece um acordo e um respeito como bem colocado por Tatiana Henrique, com os “encontros de vista”, é preciso que nossos pontos de vista se encontrem, compreendendo que precisam se organizar dentro de um mesmo espaço ou na abertura de novos espaços. Gostaria de destacar o projeto “A minha família conta”, que recontando histórias familiares, contribuiu com o meu processo de aprendizagem, repensando quais histórias eu quero soprar por aí e como meu corpo se coloca diante dessas histórias.

Existem questões descobertas no final dessa escrita pela amplitude do tema e que estão conectadas com a relação das participantes também com suas memórias traumáticas e com a escolha e o desejo em não trabalhar com essas memórias. Penso, que talvez, seja preciso estabelecer alguns limites e cuidados para tanto. Encarando nossas contradições, reconheço que tudo é possível e necessário de ser questionado, as pessoas são múltiplas com histórias surpreendentes e grandiosas. Acredito nessa liberdade em escolher o que se quer e o que não se quer narrar, naquele momento. Considerações em movimento, porque é o movimento que me retira de algum eixo que eu busquei estar, para ter o sentimento de maior segurança e que muitas vezes não estabelece de fato, lugares seguros e sim de aprisionamentos. Considerações em movimento, porque é um caminho aberto para o sonho e para as relações com o futuro.

Agradeço a todas as forças que seguem me abençoando nessa guiança e que nesse processo se manteve presente.

A minha mãe por todos os aprendizados, por dizer sempre para jamais desistir dos meus sonhos, daquilo que pulsa meu coração e das coisas que me fazem felizes. Eu agradeço.

A toda a minha família.

A Nayara Leite e a Dona Joana Fernandes.

Ao meu companheiro, amigos, ao Instituto Cultural In-Cena.

A mestra Alcione, pelos ensinamentos da capoeira angola, que forma esse corpo atento, mandingueiro e imerso nesse movimento circular que é a vida, a pequena e a grande roda. A capoeira foi um dos principais movimentos que contribuíram nesse processo da escrita.

Gostaria de agradecer profundamente as pessoas que formam a minha banca, a Anair Patrícia, pessoa que tenho uma grande admiração e que ao chegar em Belo Horizonte em 2017, foi uma das primeiras artistas que vi em cena e que senti meu corpo vibrando com cada palavra e movimento de seu corpo. Agradeço a Tatiana Henrique, que conheci em Ayó - Encontro Negro de Tradição Oral, um evento de contação de histórias que acontece no Rio de Janeiro e que nunca mais me distanciei. Acontece um movimento mágico e transformador quando me deparo com suas palavras, que tocam em lugares que eu ainda desconheço no meu corpo, mas sei que algo modifica. Agradeço a Marcos Alexandre, pelo bom tempo que tenho compartilhado parte dos meus processos e da minha história, do meu crescimento e do meu caminhar. As (es/os) minhas (eus) companheiras (es/os) de sonhos, eu sou grata por me encontrar com vocês nessa vida. Por fim, referencio aqui as mulheres da minha família que foram referências primordiais para que esse trabalho se realizasse, são elas: Angelina Lopes de Sales, Maria da Conceição Lopes dos Santos, Maria Julia Lopes de Sales e dona Joana Fernandes.

Referências

ALICE, Iasmim. MARQUES, Ana Paula. MATOS, Mayura Antunes de. PEREIRA, Rosenilde Oliveira. SANTOS, Wilma Sueli dos. **Formulário de avaliação: Oficina de contação de histórias Recontando Memórias**. Belo Horizonte, janeiro de 2021. Não publicada.

BÂ, A. Hampaté. **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. Joseph Ki -Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010. 992 p.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. *Memória e Lugar: Entre a noção de indissociabilidade espaço-tempo e a reflexão sobre a experiência geográfica. ESPAÇO-TEMPO E A REFLEXÃO SOBRE A*. In: **Geograficidade | v.8, Número 2**. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/13132/pdf>> Acesso em: 15 de set. 2022

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. 200 p.

MARTINS, Leda. *Performances da Oralitura: Corpo, Lugar de Memória*. In: **Revista do programa de pós-graduação em Letras**, nº 26, s.d. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>> Acesso em: 15 de set. de 2022.

PEREIRA, Marciane Aparecida Costa Silva. *Contação de histórias: sabedoria e identidade cultural do campo*. Disponível em: < <https://www.ead.unimontes.br/multitexto/index.php/rmcead/article/view/39/27>> Acesso em: 05 de nov. 2022.

SANCHEZ, Lícia Maria Morais. **A dramaturgia da memória no teatro-dança**. São Paulo: Perspectiva, 2010. 174 p.

SANTOS, Ana Paula da Silva. *Aqui Dançando... Ali Cantando... Acolá Batucando... Além mar vou CONTANDO: A Oralitura na Narração de História da Tradição Afro-Alagoana Mané do Rosário*. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/5180/5006>>. Acesso em: 20 de out. 2022.

SILVA, Tatiana Henrique. **A importância da oralidade | Papo com Tatiana Henrique**. You tube, outubro de 2022. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=nWyt7tIkFbE>> Acesso em: 04 de out. de 2022.

SILVA, Tatiana Henrique. **Oficina de contação de histórias com Tatiana Henrique**. You tube, outubro de 2022. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=FMa1twpkSbs>>. Acesso em: 28 de out. de 2022.

Sem autor. SANKOFA - SÍMBOLO ADINKRA. **Coletivo Cultural Sankofa**, 2012. Disponível em: <<https://ccsankofa.wordpress.com/2012/09/01/sankofa-simbolo-adinkra/>>. Acesso em: 16 de nov. de 2022.